

# A NOVELLA SEMANAL

J. Prado-



## BREVEMENTE: "A NOVA PLEIADE"

COLLECÇÃO de pequenos livros de versos a se publicar sob a direcção de Amadeu Amaral (da Academia Brasileira) e destinada a vulgarizar as obras dos poetas novos de grande merecimento, ainda pouco conhecidos do publico.

CADA volume, caprichosamente confeccionado, impresso a duas cores em excellente papel, com artisticos ornatos e solidamente encadernado, será vendido a 2\$500.

Na NOVA PLEIADE somente serão publicadas obras de verdadeiro valor.

Iniciaremos a collecção com o primoroso livro **MANHA** do poeta paulista **Graccho Silveira**

SOCIEDADE EDITORA OLEGARIO RIBEIRO - Rua Dr. Abranches 43 - Caixa, 1172 - S. Paulo



# A NOVELLA SEMANAL

DIRECTOR: BRENNO FERRAZ

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

Para os 30 milhões de brasileiros, mesmo descontados os analfabetos, as tiragens dos livros nacionaes são ridiculas. E as edições pequenas encarecem o livro, limitam-lhe a expansão, impedem a razoavel remuneração dos auctores. Vivemos, assim, num círculo vicioso: o livro não se diffunde entre nós porque é caro e é caro porque não se diffunde. Isto succede com o livro bom, pois dos de fancaria se tiram por ahí dezenas de milhares e se esgotam edições sobre edições...

Esta situação, de tão funestas consequencias para o paiz, suggeriu a iniciativa da criação deste periodico, que representa um esforço no sentido de vulgarizar a boa literatura.

Popularizar o livro, tornal-o acessivel a todos, sem desdenhar de o fazer ao mesmo tempo o mais attraente possível pela escrupulosa escolha da materia e pela artistica confecção de cada volume, e depois usar de todos os meios para o diffundir em todo o territorio nacional, de fronteira a fronteira, e entre todas as classes sociaes, desde as mais cultas as menos letradas — eis ahí, resumido em poucas palavras, todo o nosso programma.

Participando ao mesmo tempo da natureza do livro e da revista. A NOVELLA SEMANAL pretende reunir as vantagens desta e daquella: como a revista, será de leitura leve e variada, será vendida a preço infimo, será apregoada nas ruas, nas estradas de ferro, em toda parte, a toda gente; mas não será futil e de interesse ephemero como ella: pelo fundo — pela qualidade e pela extensão da materia — constituirá uma verdadeira série de pequenos livros, que se encadernarão no fim de cada trimestre, em bellos volumes com os quaes se formará uma bibliotheca literaria realmente preciosa.

Pretendendo ser lida, muito lida, lida por homens e creanças, senhoras e moças, ricos e pobres, letrados e curiosos, pela totalidade, enfim, da população ledoira, procurará nos auctores a vida, a acção, o interesse, de modo a constituir o verdadeiro livro popular.

Destinando-se a se tornar um instrumento de propaganda das boas letras — dos melhores auctores e dos melhores livros nacionaes — não se limitará a publicar trabalhos inéditos. Não seria este o melhor meio de se cumprir esta parte do programma traçado, havendo por ahí, esquecida e ignorada da maior parte do publico, tanta cousa optima a pedir um editor. Assim, A NO-

VELLA SEMANAL se propõe a salvar do olvido as melhores paginas esgotadas e as sepultadas em collecções de jornaes e revistas — preciosidades que representam um opulento thesouro literario quasi de todo desconhecido e inacessivel. Das obras ainda em extracção no mercado livreiro, destaeará — a exemplo do que se faz em varios paizes, em anthologias de grande e pequeno tomo, didacticas e populares, e em publicações periodicas — as que sejam a melhor mostra do livro e do auctor, de sorte a despertar nos leitores o desejo de ler os livros que, sem esse reclame, muitos provavelmente nunca leriam. E isso fará fornecendo ao mesmo tempo todas as indicações precisas para que qualquer pessoa possa fazer encomenda, ao seu livreiro ou directamente ao editor, da obra da qual se apresentou aqui uma pequena amostra e das outras obras do mesmo auctor. Esta publicação constituirá, portanto, ao mesmo tempo que um abundante repositorio de informações bibliographicas, uma selecta do pequenas obras excellentes, organizada com o fito de tornar melhor conhecida a nossa literatura, dentro das nossas proprias fronteiras.

Não viveremos, porém, de alheia seiva. Teremos a nossa collaboração especial, de um punhado dos mais notaveis escriptores contemporaneos e acolheremos com prazer — e remuneraremos — todos os trabalhos interessantes que nos sejam enviados por auctores conhecidos e desconhecidos, consagrados e estreantes, contanto que taes obras tenham valor o sejam conformes com a feição d'A NOVELLA, isto é, que tenham pequena extensão e possam ser lidas por toda gente.

Preferimos dar maior desenvolvimento á edição do conto e da novella nestes volumes e por serem esses os generos que contam, entre o publico, maior numero de apreciadores. Mas não nos restringiremos a elles, embora delles tenhamos tirado o titulo desta publicação. Todos os outros generos terão o seu lugar no nosso supplemento, verdadeira gazeta literaria de pequenas proporções, onde se encontrará um pouco de tudo e só do melhor.

Eis ahí ao que vem A NOVELLA SEMANAL, que se colloca á disposição do publico, dos auctores e dos editores, aos quaes deseja servir e dos quaes espera receber um acolhimento sympathico.

OS EDITORES.

## Aos auctores

Acceptaremos com prazer toda collaboração interessante para qualquer das secções deste periodico.

Os auctores devem nos remetter os seus trabalhos, declarando o seu nome, endereço e o preço pelo qual nos offerecem a sua collaboração.

Os originaes devem ser escriptos de um só lado do papel, em calligraphia bem legivel e de preferencia dactylographados.

Toda a correspondencia deve ser endereçada á Sociedade Editora Olegario Ribeiro — Caixa postal n. 1172 — S. Paulo.

## Aos editores

A NOVELLA SEMANAL publicará com prazer, e gratuitamente, o titulo, nome do auctor, preço e nome e endereço do editor, de todas as obras editadas no Brasil, bastando para isso que os editores lhe enviem aquellas indicações.

De todas as obras das quaes lhe for remetido um exemplar, publicará além disso uma noticia critica.

## Aos leitores

A NOVELLA SEMANAL ambiciona ser lida em toda parte: cidades, villas, povoações, estradas de ferro, navios, hotéis, clubs, bibliothecas, etc., estando por isso organisando um serviço de distribuição que será o mais completo possível, de sorte a não haver ponto do territorio nacional onde não tenha leitores e não seja encontrada á venda. Para obter este resultado contamos com o auxilio dos nossos leitores, aos quaes pedimos que nos indiquem endereços de livrarias, agencias e vendedores de jornaes e pessoas e instituições que possam se interessar pela venda ou leitura deste periodico em qualquer localidade, por insignificante que seja.

Interessados tambem em conhecer os escriptores e poetas de merito de todos os Estados e de todas as épocas, afim de lhes poder divulgar a obra, muito agradeceremos qualquer indicação que a este respeito nos seja fornecida, rogand a todos quantos

queiram nos auxiliar neste trabalho que nos enviem relações de auctores e de livros publicados, de modo a nos habilitar a adquirir os volumes para os examinar.

## Importante

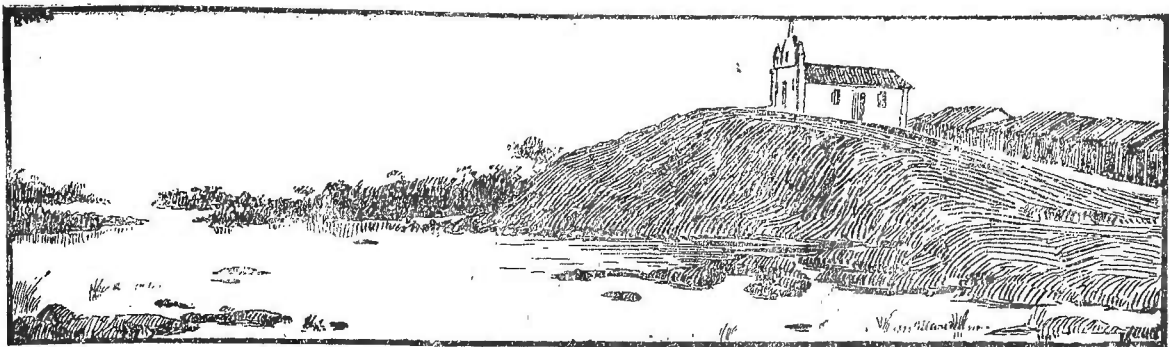
Toda pessoa que angariar tres assignaturas d'A NOVELLA SEMANAL, enviando-nos adeantadamente a respectiva importancia, terá direito a uma assignatura gratuita.

A toda pessoa que angariar qualquer numero de assignaturas d'A NOVELLA SEMANAL offereceremos a titulo de brinde, livros, escolhidos no catalogo de qualquer livraria do Brasil, no valor de 20 o/o sobre o preço total das assignaturas angariadas.

## Assignaturas

Anno . . . . .	20\$000
Semestre . . . . .	10\$000
Trimestre . . . . .	5\$000
Numero avulso . . . . .	\$400

SOCIEDADE EDITORA OLEGARIO RIBEIRO - R. Dr. Abranches, 43 - Caixa Postal, 1172 - Teleph.: Cidade, 5441 - S. PAULO



ANNO I

A NOVELLA SEMANAL

São Paulo, 16 de Julho de 1921

NUMERO 12

## SUMMARIO

NA ESCOLA — José Size-  
nando.

CONTO DE FADAS—Raul  
Pompeia.

A CARA DO MEU VISI-  
NHO — Julia Lopes de  
Almeida.

AVINGANÇA DO TEIXEI-  
RINHA — Nicolau Pero.

CHRISTO — Sylvio Floreal.  
TRAPOS DA VIDA — Ma-  
noel Victor.

SUPPLEMENTO — Vida li-  
teraria — Visão geral  
da literatura brasileira -

MONTIPELO LOBATO — A  
aurora de Castro Alves  
RONALD DE CARVALHO

Curiosidades literarias — Li-  
teratura do outro mundo

# N A E S C O L A

Foi na minha propria cidade natal que aprendi as primeiras letras.

O meu professor era um homem intelligente, dos seus quarenta annos de idade, sisudo e respeitavel.

Devo-lhe o não ter ficado analphabeto, porque, a principio eu votava aos livros uma grande aversão, e um professor descuidado, que pouco se interessasse pelos alumnos, jamais teria conseguido que eu fosse além do A B C.

Graças, porém, á paciencia, ao zelo, á dedicacão do mestre e, principalmente, á ferula, que elle manejava a continuo e adextradamente, ao cabo de algum tempo tomei decidido gosto pelo estudo. E ao fim de tres annos de escola era eu o alumno mais distincto e mais adeantado de toda a aula.

Nessa época, lia o «Coração», o adoravel livro de Amicis, estudava grammatica e arithmetica e decorava lições de geographia.

Considerava-me, então, um verdadeiro sabio e esta minha presumpção tanto mais crescia quanto maior era a consideracão que o mestre me dispensava, elogiando-me á vista dos collegas, nomeando-me decorião da escola, o que despertava uma grande inveja aos outros estudantes.

Havia na aula tres classes differentes, em grão de adeantamento: a primeira, de que eu fazia parte compunha-se dos oito rapazes mais adean-

tados e de tres mocinhas, que, quasi sempre, á lição, saiam-se muito bem, chorando copiosamente á primeira difficuldade; a segunda, maior no numero que a primeira, constituída pelos «medios», que liam o «Terceiro livro» de Felisberto de Carvalho; e a terceira, maior que a segunda, composta de todos os principiantes, desde os que começavam a soletrar até os que liam o «Segundo livro», do barão de Macahubas.

O mestre, ás vezes, quando havia accumulo de serviço, mandava-me dar lição á terceira classe e, mais de uma vez fez o mesmo em relação á segunda.

Isso dava-me ares de grande importancia entre os meninos daquellas classes e mesmo entre os collegas da primeira eu gosava de uma certa reputação, como grammatico, mathematico e geographo...

Quando algum tinha qualquer duvida, uma regra de syntaxe pouco clara, um problema de mais difficil solução era a mim que recorria, na ausencia do professor, e eu me saia sempre bem das arguições.

A hora da lição da primeira classe, todos nós iam nos postar em pé, em frente ao mestre, que se conservava sentado junto á sua mesa de cedro, em cima da qual havia o tinteiro, pennas, livros e a palmatoria, com os seus cinco olhos redondos e fundos, que parecia assobiar quando era levantada no ar para os estudantes.

A lição, primeiro liamos um capitulo do «Coração», depois diziamos de cór o ponto de geographia e, finalmente, analysavamos um trecho de prosa e ouviamos a explicação do professor.

Nessas occasiões o silencio era absoluto na escola.

Todos ou outros estudantes que não eram daquella classe, ficavam mudos, a olhar admirados para os «grandes», invejosos do seu saber e adeantamento...

O mestre mesmo, por mais de uma vez, houvera dito que quem conversasse ou fizesse barulho áquella hora ficaria de castigo.

Um dia, estavam ouvindo a explicação do mestre, muito attentos, quando um pequeno da terceira classe, entrado ha poucos dias para a escola, poz-se a ler alto, lá no fundo da sala, a sua «Cartilha Nacional».

O mestre, activo, perspicaz, intelligente, nada perdia do que se passava em volta.

Com olhar astuto, ouvido attento, parecia ler, ouvir, e observar-nos a todos ao mesmo tempo.

No momento justamente em que terminávamos a analyse logica de um periodo, cujo sujeito, por signal, dera muito que fazer, para ser encontrado, por causa da ordem inversa do proposição, o mestre levantou os olhos do livro que tinha na mão e, voltando-se para a terceira classe, chamou:

— Venha aqui, senhor Octavio.

Toda a sala teve um estremecimento.

Octavio era o menino que lia alto, enquanto o professor explicava á primeira classe, e todos nós pensámos que fosse, por isso, castigado.

Um pequeno louro, olhos azues, cabellos compridos, levantou-se e veio até á mesa do mestre.

Este, austero, sem tirar os olhos da grammatica, disse ao menino:

— Ha pouço, lendo a sua lição, o senhor pronunciou uma palavra que desconheço. Quero que repita a leitura para eu ouvil-a de novo. Vamos, leia a sua lição...

O pequeno, com voz tremula, poz-se a ler e todos nós, suppondo que aquillo fosse a pena, ler alto na nossa frente, em pé, tivemos um sorriso de approvação ao acto do professor...

Num certo ponto, porém, quando o alumno pronunciou uma palavra, o mestre interrompeu-o:

— Como? Repita essa palavra.

O menino repetiu:

— Ximéra...

O mestre voltou-se para a ponta do banco da terceira classe e mandou:

— Senhor Raul, leia essa palavra.

O Raul soletrou e leu:

— Ximéra...

— Adente, disse o professor.

— Ximéra...

— Adeante...

— Ximéra...

— Adeante...

— Ximéra...

O mestre franziu o sobr'olho. Percorreu com o olhar toda a terceira classe a passou á segunda,

— Leia, senhor Jacintho...

O Jacintho tomou a «Cartilha» emprestada por um alumno da terceira classe, o que fizeram todos os seus collegas, e timido, surdamente, murmurou:

— Ximéra...

— Adeante...

— Não é ximéra, não senhor..

— Então, diga como é...

— Ximera...

— Adeante...

— Ximera...

— Adeante...

— Ximéra...

— Adeante.. e percorreu toda a segunda classe... Quando não era ximéra era ximera, quando não era ximera, era ximéra...

O mestre teve um sorriso exquisito, que nós não comprehendemos, e falou pausadamente:

— Nenhum alumno da terceira, nem da segunda classe, soube ler esta palavra, tão facil. Não ha remedio: passemos á primeira...

Todos nós deixámos as grammaticas e tomamos aos pequenos as suas «Cartilha», e pegámos a olhar na tal palavra...

— Senhor Julio, leia...

O Julio era um estudante intelligente, que se collocava sempre na extremidade esquerda da classe, enquanto eu ficava á extrema direita, uma pequena prova da nossa rivalidade que ia até ás pequenitas cousas... Mas, neste instante, tive uma enorme piedade por elle! Estava horriavelmente pallido, visivelmente commovido, seu labio superior tremia e, mais de uma vez, tentou falar, sem o conseguir...

O professor insistiu:

— Senhor Julio, vamos...

O Julio sorriu desenxabido e articulou a custo:

— E' ximéra...

— Adeante...

— Ximera...

— Adeante...

— Ximéra...

E toda a primeira classe, numa afflicção, poz-se a soletrar baixinho :

— C-h-i — xi — m-e — mé — r-a — ra — ximéra...

— Adeante...

— E' ximéra mesmo, senhor professor...

— E'... é, sim, senhores. O que é é uma vergonha. Moços que estudam grammatica, que lêem contos do «Coração», e os interpretam, não sabem ler uma palavra que vem na «Cartilha Nacional»... E' para desanimar. Adeante.

Silencio.

— Adeante, repetiu o mestre.

— Ximéra...

— Adeante...

— Ximéra...

— Adeante.

— Xi...

— Basta, interrompeu o professor.

Aquelle rapaz que apenas pronunciara o «xi...» estava unido a mim! Suei frio e tive como um enebriamento... Só eu faltava... Só a minha opinião não havia ainda sido pedida, nem dada...

Soletrei, li, reli o terrivel vocabulo, que parecia já um ponto negro, deante da minha vista cançada, a dansar, a pular, nuns saltos macabros, que me entonteciam... C-h-i — xi — m-e — m-e — r-a — ra — ximéra ou ximera... E não podia sair dahi: ou ximéra ou ximera... Mas o mestre assim não queria. Vi perdida a minha ascendencia sobre os outros: senti periclitár o meu prestigio, ruir a minha fama.

Um suor frio corria-me pela testa; o coração parecia querer fugir-me do peito...

Soletrei ainda... De subito, um clarão estranho illuminou-me a vista... Tive uma idéa, uma lembrança, um deslumbramento... o quer que fosse que me fazia quasi enlouquecer de alegria...

Enxuguei o suor da testa, esfreguei os olhos, respirei forte, sorri victorioso!... Não era ximera, nem ximéra: era... Contive-me.

Li baixinho, medroso que me ouvissem, repeti a leitura e achei tão doce, tão sonoro o vocabulo, que até me pareceu nunca ter ouvido outro de tamanha suavidade...

Calculei o successo que eu ia alcançar!

Estava garantida e agora firmada a minha superioridade sobre todos os estudantes... Na minha opinião, sô havia tres maneiras de ler aquella palavra: duas estavam excluidas, e a terceira, a certa, a correctá, só eu, no meio de todos os collegas, sabia qual era!...

Já me impacientava a demora do mestre em perguntar-me: temia que outro estudante ainda antes de mim, dissesse como era e, não podendo dominar-me, fiz signaes significativos ao professor, aos collegas; sorri desvanecido, dei passos para a frente, para traz; tossi, escarrei, limpei a garganta, assoei-me, fortemente, para chamar sobre mim a attenção geral.

O mestre, afinal, voltou-se para a classe e disse, num tom compungido:

— Entre quarenta e tres rapazes, alguns dos quaes eu suppunha adeantados, não houve um que soubesse ler essa palavra, tão facil, que está na livro primeiro... E' contristador! Não é porque eu deixe de ensinar e cuidar dos meus deveres, não é!... Esforço-me, canso-me, mato-me... Mas os senhores ligam mais apreço aos seus brinquedos que á palavra do mestre. Falta um unico alumno para ser interrogado e está claro que a elle não se estende a minha censura. Esse, posso affirmar, vae responder direito. Por que? Porque presta attenção ao que ensino; porque estuda. Por que não fazem os senhores o mesmo?

Tomem sentido no que elle vae dizer e aprendam com elle a sêr bons estudantes, para que nunca mais lhes aconteça cousa semelhante a esta...

— Vamos, senhor decorião, ensine a seus collegas como é que se lê e se pronuncia essa palavra!

Atirei um longo olhar em torno: toda a escola, em extase, me contemplava, embevecida!

Nem sei como não morri de orgulho e de satisfação naquelle momento verdadeiramente feliz da minha vida.

O mestre comprehendem a minha emoção, e, num tom carinhoso e de paternal affecto, repetiu...

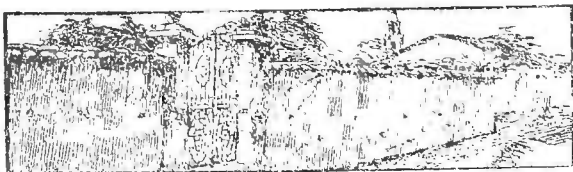
— Leia...

Dividindo bem as syllabas, vagarosamente, alto e com emphase, para que toda gente pudesse bem ouvir, pronuncie com ares de quem doutrina e sabe bem o que diz:

— Ximerá!.

JOSÉ SIZENANDO.





## CONTO DE FADAS

Contrasensos de atavismo. Algumas vezes nascem príncipes das poeiras humildes das ruas. Não da especie dos conspiradores felizes, que fazem da propria nullidade original arma de guerra e lutam e sobem, cobrejando através dos conhecimentos até campear triumphantes sob o dominio dos homens, não : verdadeiros príncipes, que o são ao nascer ; que tem a purpura do manto diluída em globulos de altivo sangue, absolutamente a salvo da embolia mortifera que a impureza do ambiente da sua miseria poderia occasionar ; príncipes nobilissimos, que têm a força do imblematico sceptro vertebrada em espinha dorsal, inflexivel ás humilhações da sorte, e no olhar firme, sem jaça, que lhes clareia a testa, a magestade dos diademas.

Podemos encontral-os, ao dobrar uma esquina, em andrajos, face cavada pela necessidade e pelo suor — lagrimas de fadiga.

Peça-lhes mais que a ninguem a fatalidade architectonica do edificio social, que obriga a superposição dos andares e a inferioridade do baldrame.

São oriundos d'esta raça os peiores criminosos e os revolucionarios sublimes. Entre estes extremos ha, porém, o meio termo, mais commum, dos obscuros que succumbem, bloqueados na vaidade inflexivel da imaginaria realza.

\* \* \*

«Impossivel ! monologava Aristo. Com os diabos ! E' uma solução arrebataada, que não me enthusiasma. Supprimir-me ! E' boa ! e o meu logar no refeitório da vida ? Então não ha um talher para cada um nesta mesa redonda, como não ha, no campo, um figo para cada passaro ? Quem me privou do figo nesta partilha ? Implorar . . . Mas haverá passaros mendigos ? Ha creancinhas que esmolam cantando ; nenhuma outra miseria conheço que cante, não ha lagrimas aladas ; a propria chuva, porque parece pranto, cahe na terra. Não será, pois, a vida como o espaço, e as aspirações como um vôo ? Ah ! mas reflectamos com justeza.

E o que pensarão os figos d'esta vida ? Que opinião a d'elles sobre os passaros e sobre as aspirações ? Tambem, pobresinhos, têm um coração que palpita insensivelmente. Abri um figo ; vereis ouriçada de pontas sangrentas . . . Como não ? os fructos sangram ! Têm todos os direitos da maternidade . . . Não respeitais a maternidade ? . . . inclusive o Santissimo direito da dôr ! Percebo, percebo. Ha homens — figos, ha homens — passaros. Sim ! mas eu, figo ! . . . uma figa ! E' preciso que um degrau se estenda em baixo, para que outro degrau se estenda em cima, e a escada suba ? . . .

Eu trabalhei o ferro. Como me comprehendia o masculo metal, parente da energia inflexivel de meu genio ! Não me valeu a força de operario : faltou-me a habilidade de mendigo. Trabalhei então o panno. Homens do dispendio, mantenedores da industria, não sabeis de que tecido se fazem as ricas vestes. Passaram fibras de coração pelos teares ; tingiram-se os padrões com as côres escuras da miseria. Conheceis os rebanhos humanos encurralados nas fabricas. O carneiro dá a lã. Toda essa lã purissima : sensibilidade, delicadeza, pudor, de que se faz a superioridade moral, se apara ao rebanho humano.

Este precioso estofo : vêdes esta rosa, entre folhas, labiada em petalas esplendidas sobre a trama da tecelagem ? E' a honra de uma operaria, a infamia feita tinturaria. Não quizeram que eu visse o que eu vi, nem prevendo-o sentisse.

Passei a ser compositor. Ia encontrar de frente o pensamento, como encontrára a industria. Maravillhou-me a infinidade de typos nos caixotins, palavras reduzidas a migalhas, ideias pulverisadas ! Criei amôr ao estanho dos typos. O estanho vale mais que o bronze, porque se de bronze se pôde fazer o glorioso escriptor, de estanho se faz o livro. Ao metal do gloriado prefiro o metal da gloria.

Deram-me a compor esta phrase de um poeta : *Philosophia do mar : os menores peixes, devoram-n'os os maiores. Assim os homens...*

E neste dia não compuz mais. E odiei o estanho ; voltei definitivamente ás velhas sympathias pelo ferro.

E Aristo anuciava na palma da mão o ferro de um punhal, com a alma varada pela meditação cruciante, sentindo rasgar-se-lhe aos pés a aberta por onde, mais dia menos dia, nos escapamos todos para a sombra.

-- Aristo, vem commigo ; disse-lhe alguém ao

ouvido, — uma pequena voz de mulher, aurea e musical.

Era uma visão de risos, trajando o vestido ethereo dos sonetos de Petrarcha, maneando a haste leve de uma varinha de fadas.

— D'onde vens, desertora gentil dos contos da infancia, graciosa importuna do meu desespero?

— Anda commigo, Aristo. Partamos para a independencia feliz.

Céu vasto, de transparencia inexprimivel. As alvas nuvens, por uma superfluidade de aceio, iam, como esponjas, esfregando, uma a uma, as saphiras limpas do céu. Cobria-se a terra de pedraria, poeira scintillante de gemmas; erguíam-se taludes de facetado crystal. Estranha vegetação brotava. Perfeita floresta de ouriversaria. Troncos de ouro lavrado e folhagem soldada a fogo. Atravez dos ramos reluzentes, a viração ia e vinha, fria do contacto metalico da selva, sem que o mais debil galho tremesse, sem que a minima flôr vacillasse no hastil. A's vezes, a um sopro mais forte, soltava-se um ramusculo com um estalido secco de agulha partida; ou uma flôr desarmava-se, e as petalas cahiam, produzindo o barulho de moedinhas pelo chão. Nenhum outro rumor, nem um perfume, nem uma vida, em toda a paizagem, immovel e rutilante.

Desapparecera a fada com o rosto em risos e o vestido celeste, que descansavam a vista da crueza das scintillações.

Brilhava no ar, terrivelmente, a claridade verde dos reflexos combinados das saphiras do céu e do ouro da floresta.

Horas passadas, Aristo teve fome; exacerbou-lhe a séde a secura caustica do ambiente. Descobriu pomos no arvoredo, inchados de maturidade, e gottas de orvalho no calice das flôres. Mas, quando quiz trincar pomos, quebraram-se-lhe os dentes contra a rija resistencia da casca dourada, e bebendo orvalho, purissimos diamantes, aliás, foram-lhe as arestas da pedra, ensanguentar o esophago.

\* \* \*

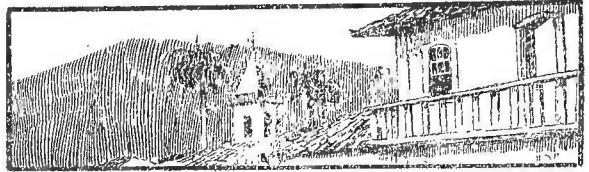
— Maldição! maldição! Que me trouxeram ao inferno da pureza e da inflexibilidade!

A fada apparecendo:

— Eu sou, pobre Aristo, a fada Ironia. Guieite á patria inexoravel do teu orgulho.

Rio — 1887.

RAUL POMPEIA



## A CARA DO MEU VISINHO

Fui hoje informado pelo meu criado Evaristo de que os ladrões entraram na casa do meu vizinho Nuno e lhe tiraram das gavetas todas as suas joias e todo o seu dinheiro.

Embora eu considere muito o meu vizinho e estime a sua prosperidade, essa noticia em nada prejudicou o sabor da vitella que eu mastigava a preceito. Em todo caso, fui perguntando:

— Então como foi isso?

— Os ladrões saltaram o portão do jardim, arrombaram a veneziana do quarto de banho e passaram dahi para a salinha de «toilette», a qual tem duas portas, uma para a alcova do sr. Nuno e outra para o escriptorio, onde esvaziaram os moveis principaes.

— E o Nuno?

— O sr. Nuno dormia.

— E os criados?

— Esses ficam fóra, no «chalet» do quintal!...

— E o guarda nocturno?

O Evaristo levantou os hombros e esboçou um desses sorrisos significativos, de cuja finura eu nunca suppuz que elle pudesse ter o segredo.

— E o cão?

— O cão, como late sempre, já ninguem faz caso do seu ladrido. Eu bem o ouvi pela volta das tres horas, mas suppuz que fosse para quem passava na rua.

— E vá a gente fiar-se em cães...

— Nem nelles, meu senhor, nem nelles!

— Naturalmente, deixaram o portão aberto e a tal janella mal fechada...

— Talvez. O sr. Nuno recolhe-se tarde e o pessoal que tem na casa é fraco e distrahido.

— Veja lá si nos vai acontecer e mesmo!

— Oh, não ha perigo. Enquanto eu estiver a seu serviço, aqui ninguem entra, a não ser pela porta e com licença.

E baixando a voz, a um tom confidencial: — aquillo foi gente que sabe os cantos da casa e onde se guarda o dinheiro. O cozinheiro do sr.

Nuno joga ainda mais do que uma canôa em alto mar...

Puz termo á tagarelice do criado, engoliando-me na leitura do jornal, onde encontrei um rasgado elogio ao novo chefe de policia, cuja administração energica e bem orientada já se fazia sentir por toda a cidade.

Ainda na vespera, ao recolher-me á noite do meu club, eu topára com varios homens estirados pela linha do cães, uns de encontro aos outros, dormindo nas pedras sem outra coberta que a do delgado nevoeiro que me humedecia a mim a lâ do sobretudo...

Talvez que a boa orientação do novo chefe de policia se fizesse sentir no nevoeiro!

Passou-me tambem pela memoria o risco em que eu estivera, horas antes, de ser esmagado por um automovel, que descia como um raio a Avenida de Ligação, quando eu a percerria como um simples mortal, que era a peor qualidade que eu podia ter no momento! E' verdade que o guarda civil da esquina me ajudou a erguer do trambolhão e sacudiu-me o pó das calças. Essas é que podem servir de testemunhas da energia que se faz sentir por toda a cidade...

Sou dos que avaliam a civilização de uma terra pela sua boa ordem policial. A minha não primou nunca por essa qualidade e mais do que nenhuma outra carece de quem lh'a imponha com o tal guante de ferro de que ainda falam os periodicos, em cuja prosa está todo o alimento mental da nossa época. A nossa epiderme fina gosta de caricias, mas nem sempre estas produzem o effeito benefico de certas massagens scientificas dadas nos pontos fracos de organismo. Que venha de verdade a mão corajosa desse lisonjeado reformador de costumes dar um pouco de elegancia e de cortezia ás nossas desmazeladas camadas populares e tranquillidade aos burguezes honestos, em cujo rôl estou eu!

\* \* \*

Quando sahi para a ruá, a primeira pessoa que eu vi logo ao pé do meu gradil foi o Nuno.

Não sei si por defeito da minha visão, ou por que effectivamente se tivesse dado um phenomeno exquisito, achei-lhe a cara muito mais comprida, como a querer virar-se do avesso para patentearem-me as suas decepções.

— Então já sabe?! perguntou-me elle pressurosamente.

— Sim. Disse-me o meu criado Evaristo que o senhor foi roubado...

— E' exacto.

— Mas como diabo puderam os ladrões entrar no seu quarto, sem que os sentisse?

— Isso é que eu não sei explicar. Narcotizaram-me...

— Achou-se mal ao acordar?

— Ao principio não. Levantei-me até bem disposto; mas quando percebi tudo, fiquei atordado!

— E' natural.

— acredite que é uma impressão horrivel, esta de um homem saber que esteve á mercê de bandidos, que ao menor de seus movimentos o poderiam matar, sem que elle tivesse tempo de dar um grito síquer!

E ainda por cima disto e do prejuizo, o ridiculo; porque ninguem pôde negar que a situação de um homem roubado seja ridicula!

— Os ladrões naturalmente ficaram dentro de casa...

— E' possivel... talvez em baixo da cama!

— Quem sabe..

A esta hypothese, a cara do Nuno pareceu ainda alongar-se mais e mais se tornou macilenta.

— Mas ouvi falar em arrombamento de venezianas...

Nuno não respondeu e continuou:

— Pois eu sou um homem corajoso e durmo sempre com um revolver á cabeceira.

E, depois de uma pequena hesitação: — pois até mesmo esse revolver os demonios me levariam...

— Que audacia...

— Já dei queixa á policia apesar de que não espero que ella me faça voltar para casa nem as minhas joias nem o meu dinheiro. Nada menos de quatro contos...

— Porque não ha de ter esperanza? Nós agora temos um magnifico chefe de policia, homem de grande energia e muito character.

As cousas começam a ser tomadas a sério no nosso paiz, meu caro, e o senhor verá como o seu caso se liquida em poucos dias...

— Cantigas, meu amigo!

— Verdades... e adeuzinho. Desejo-lhe bom exito nas suas pesquisas.

Separei-me do Nuno, levando na mente a impressão extravagante de que o seu rosto tinha crescido alguns centimetros de um dia para o outro. E tanto isso me fez especie, que encontrando por acaso um physiologista meu amigo,



perguntei-lhe si a acção dos narcoticos usados pelos ladrões nocturnos exerce modificações visíveis nos rostos das suas victimas.

Apesar de muito intelligente, o physiologista não me entendeu á primeira abordagem. Tive de narrar-lhe o factó, ao que elle retrucou que não acreditasse eu em narcoticos ministrados a gente sã por bandidos na propria hora do assalto.

O cheiro violento dos anestheticos acordaria qualquer mortal que dormisse, antes de o adormecer artificialmente!

O meu vizinho não acordára, só porque tinha o somno pesado, tanto quanto os ladrões deviam ter sido cautelosos.

E a respeito do crescimento do seu rosto, disso não sabia dar explicação...

Era a primeira vez que este meu amigo tinha a coragem de manifestar a sua incompetencia para qualquer cousa, o que me tornou ainda mais curioso pelo que tinha succedido ao meu vizinho Nuno.

Quando cheguei a casa, disse-me o Evaristo que esse senhor mandára pôr trancas em todas as portas e janellas, campainhas de alarme até no telhado e fios electrizados no gradil do jardim... Tinha havido todo o dia grande azafama no chalet do lado — só a policia lá não puzera os pés.

— Tambem para que?! perguntei eu serenamente. Os ladrões já lá não estão...

Evaristo sorriu, subtilmente, superiormente, como um verdadeiro Sherlock Holmes de avental.

Percebi. Elle ainda continuava a desconfiar do pobre cozinheiro do Nuno.

\* \* \*

Depois de ter jogado e ganhado no meu club e de ter passado a horas mortas pelos mesmos homens que dormiam encolhidos e tiritantes sobre os lagedos do cães, entrei no meu quarto com muito tédio e algum somno.

A extravagante singularidade que reproduz na memoria já quasi inconsciente de quem adormece a figura do que mais nos occupou ou mais nos impressionou durante a vigilia fez com que já no limiar do sonho eu visse a cara pallida e longa do meu vizinho destacada no escuro como uma mascara.

E adormeci.

Talvez dormisse ainda si a voz retumbante do Evaristo não me tivesse despertado ás seis horas da madrugada com palavras que me sobresaltaram:

— Patrão, patrão, estamos roubados!

— Hein?

Elle repetiu a phrase, debruçando-se sobre o meu espanto. Pulei da cama e ao procurar a minha luneta sobre a mesa da cabeceira verifiquei que os ladrões a tinham levado. Um calafrio percorreu-me a espinha, á certeza de que os patifes tinham roçado pelos meus lençoes...

— Foi tal como na casa do sr. Nuno dizia o Evaristo muito enfiado: pularam a grade do jardim; arrombaram a veneziana da saleta, e esvaizaram as gavetas da secretária...

— E você que ainda hontem me dizia não haver perigo! bradei, furioso, voltando-me para o meu criado, cujo queixo se tinha repentinamente alongado como o do Nuno!

— Felizmente, elles não puderam abrir o cofre... murmurou elle como a desculpar-se, sem saber que o cofre estava vazio...

Vesti-me á pressa com um terno velho, porque os novos já deviam andar por longe, e sahi a queixar-me á policia, na ingenua candura de que ella ainda me pudesse acudir.

A dois passos de casa esbarrei com o meu vizinho, que, já informado de tudo, corria a pôr-se ao meu dispôr. Não pude deixar de olhar para elle com surpresa, tão differente o vi do que o vira no dia antecedente. O rosto estava sério como convém a quem lamenta um conhecido, de um accidente desagradavel; mas tinha voltado ás suas naturaes dimensões de lua cheia.

Pareceu-me perceber mesmo um certo contentamento através das suas pupillas pesarosas, e então, empurrando disfarçadamente o meu queixo para cima, disse-lhe rindo;

«Meu caro vizinho, fiz-me roubar para lhe ser agradavel, porque sei bem que não ha nada a que a gente menos se resigne do que a estar isolado na desgraça...».

JULIA LOPES DE ALMEIDA.





## A VINGANÇA DO TEIXEIRINHA

Tapioca era uma pequena povoação, contando, bem apuradas, umas trinta casas, inclusive as taperas.

Districto grande, mas em sua maioria composto de terras safaras e estragadas, nada promettia a este paiz «essencialmente agricola».

Viviam os seus habitantes do plantio annual da mandioca, já porque as terras não dessem de si outra coisa, já porque eram elles indolentes, preguiçosos, incapazes de uma resolução, de um acto de energia.

E como a industria do logar fosse a fabricação da farinha de mandioca, empregada no feitio do bolo de que todos se fartavam a valer, d'ahi o nome, Tapioca, embora alguém já por duas vezes aventasse a idéa de mudarem-no para o de Sampaipolis, em homenagem ao nome de seu illustre chefe...

Todas as tardes as pessoas da élite se reuniam em frente á botica do Mendonça, e ali versavam os assumptos transcendentaes e momentosos: a falta de trigo no mercado e a alta, em vista disso, da farinha de mandioca, para regalo do futuro districto: a guerra com a Allemanhá, a conferencia da paz...

Faziam parte da roda: o coronel Sampaio, chefe politico do novel districto, Teixeirainha, o mestre-escola, o padre Feitosa, vigario da parochia, e o dono da casa, o boticario Mendonça.

O coronel chefe era homem entendido, segundo se dizia, nas altas coisas da nossa politica; Mendonça era o feliz auctor de um preparado, ainda em experiencias, que curava tudo, e dizia cobras e lagartos das escolas de pharmacia «que proliferam em nosso meio como os cogumelos, formando verdadeiras nullidades que impam, solenes, sciencia e quejandas, mas que não sabem fazer uma pilula»...

O padre Feitosa era homem prudente e calmo; parco no falar, parecia ter especiaes cuidados com a economia do seu aparelho vocal, e limitava-se a sorrir, maliciosamente. Teixeirainha, ao revez, dava

trella á lingua: palrador incansavel, vivia a contar anedotas em todas as rodas em que se achasse; e como colleccionador paciente, que era, conseguira reter na memoria um rosario interminavel dellas, — algumas picantes, de sal grosso, — sem contar que ás vezes recorria á segunda edição, correcta e consideravelmente augmentada.

Além disso, Teixeirainha era o orador forçado e indispensavel de todas as festas de Tapioca, e correspondente do «Correio», semanario que se publicava na séde do municipio, ao qual enviava, com grande satisfação de todos, o movimento social do districto. Por esse motivo, não havia chorincas recém-nascido que fosse levado á pia baptismal, que a mãe não corresse, pressurosamente, a levar ao mestre-escola, para ser registrada em letras de fôrma, a noticia de tão auspicioso acontecimento.

Das suas peregrinações diarias pelo dictionario, Teixeirainha annotava algum termo que não fosse conhecido do vulgo, e, depois de o gravar bem na memoria, antegozando o effeito que ia produzir, atirava-o, com pasmosa prodigalidade, á circulação.

Mas, quem sorria sempre, com o seu eterno sorriso malicioso, que deixava Teixeirainha numa descocha, era o padre Feitosa. O mestre-escola, porém, não se dava por vencido, e reincidia: para elle o vigario era um tolo, que tinha até medo de falar...

Uma tarde em que o assumpto cahira sobre a conferencia da Paz, a Liga das Nações, o presidente Wilson e outras mil coisas, o coronel Sampaio, como homem entendido nas coisas da alta politica, — enquanto o padre sorria e Mendonça pensava no seu preparado, — dissertou longamente sobre a nossa posição na politica internacional, cooperando pela derrota da barbaria...

Teixeirainha, porém, que, como homem lido, era pela cultura, discordou, criticando a imperdoavel leviandade do paiz em se pôr ao lado da França, e rematou pausadamente, carregando no adjectivo encontrado na vespera e que ia empregar pela primeira vez:

— Falem os zoilos, mas a Allemanha ainda não está derrotada; ha de levantar-se, em breve, para a conquista do mundo! Digam o que quizerem, meus amigos, mas a Allemanha ainda é uma «ingente» nação...

E' que Teixeirainha, nas suas rebuscações da vespera, encontrara, no dictionario, «ingente» como synonymo de «grande».

Se os demais lhe não penetraram o significado

e ficaram boquiabertos, o vigário não pôde mais conter-se, e, ao envez de se limitar a sorrir, como fazia sempre, rompeu numa gargalhada sacolejante. E, como o riso é contagioso, os outros, sem saber ao certo porque, desmandibularam-se também a faltar...

Teixeirinha, cahido num serio, entrou-se de duvidas sobre o termo empregado, mas, ao cabo, considerando bem que elle lá estava, no dictionario, para quem o desejasse vêr, e que a sua memoria nunca o trahira, attribuiu a explosão do vigário á inveja, que o mordida, por ouvir alguem falar com tal pureza de linguagem.

Jurou de si para dentro que havia de se vingar; engatillou o seu odio e esperou a occasião asada para desandar o tiro no pobre do vigário...

\* \* \*

E a occasião não se fez esperar.

No primeiro domingo, após a missa, o padre levava ao conhecimento dos seus parochianos que acabava de receber uma carta do secretario do bispado communicando-lhe que o sr. Bispo, que se achava em visita pastoral, resolvera chegar até Tapioca. Chamou a postos os seus parochianos, recommendando-lhes que envidassem todos os esforços possiveis para preparar a sua exa. revima. uma digna recepção, como merecia, maximé attendendo-se a que era a primeira vez que Tapioca ia ter tão subida honra.

A noticia, num abrir e fechar de olhos, alastrou-se por toda parte, repetida de bocca em bocca. Teixeira exultou de contentamento, esfregando as mãos...

D'ahi a uma semana, o povo todo de Tapioca, tendo á frente as suas mais altas auctoridades, ia á entrada da povoação receber o sr. Bispo e sua comitiva, não faltando, para realço da festa, o comparecimento de uma banda musical, vinda expressamente para tal fim, da séde do municipio.

A's tantas, assoinou na volta do caminho a comitiva, e os foguetes estrugiram no ar, com o bimbalar alegre dos sinos.

Depois das apresentações da pragmatica, a comitiva, acompanhada pela multidão, que, radiante, dava «vivas» ao illustre prelado e á religião, dirigiu-se immediatamente para a igreja, ao som da charanga, que atacara um «dobrado», com os seus respectivos pratos e bombo.

O padre Feitosa floria no rosto toda a alegria que lhe ia no interior: Tapioca, a exemplar Tapioca dera uma bella nota de si!

Ao chegarem, porém, em frente á igreja, o coronel Sampaio mandou fazer alto: cessou a mu-

sica, e, pasmados, viram todos que no coreto, lindamente embandeirado, estavam Iáyá e Melica, duas intelligentes alumnas de Teixeira, vestidas de branco e de fita azul nos cabellos e com um papel na mão. A cadeira que lá estava, indicava que ia haver falação.

O vigário não pôde encobrir uns resaios de despeito e contrariedade: não sabia daquillo, não estava no programma. Teixeira, porém, trabalhara na sombra, e para não apparecer, incumbiu o coronel Sampaio de dar as tintas...

Iáyá, que era a mais espevitada, trepou logo á cadeira, e leu, muito alto, o seu discurso, satirizando, com uma adjectivação estonteante, a mais alta auctoridade ecclesiastica da diocese. E palmas fragorosas resoaram ali após o enthusiastico discurso da menina. A banda, como é do estylo, se fez ouvir em seguida, os sinos bendelengaram de novo e os foguetes de tres bombas subiram pelo ares.

Depois, Melica subiu á cadeira, e, mais acanhada, com voz sumiça, começou a recitar o seu discurso, emquanto Iáyá lhe ficava ali, ao lado.

Não tinha, porém, a menina chegado ao fim da primeira tira do papel, quando Iáyá, pasmada exclamou muito alto:

— Gente! esse discurso é o meu!... Melica perturba-se, vira-se para o lado e revida com ares de choro:

— Seu, não senhora, *sua* lambida!

— Lambida é ella, ouviu?

— Eu, não senhora! — replicou Melica, e quiz continuar, mas Iáyá teimava, batendo com u'a mão fechada na outra:

— E' o meu, é o meu, é o meu 'ta' hi!

Murmurio, desaponto, hilaridade.

E' que Teixeira, o maroto, escrevera o mesmo discurso para as duas meninas, e recommendara-lhes que guardassem o mais absoluto segredo, — para causar uma grande surpresa, dissera elle. O sr. Bispo sorriu-se, mas o padre Feitosa, que comprehendera tudo, perturbou-se da cabeça aos pés; e, antes que a tempestade desencadeasse, livido como a morte, nervoso, com um signal imperativo, deu ordem á banda para tocar, e ao sacristão, para puxar com força o badalo.

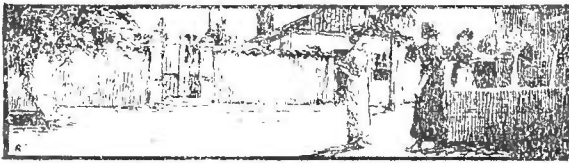
E a ordem foi executada: a banda tocou, es-poucaram os foguetes no ar e os sinos repicaram ensurdecedoramente, emquanto o prestito se movia para entrar na igreja.

E Teixeira, de longe, a rir, a rir a bandeiras despregadas, da peça que pregára ao padre...

Desse dia em deante, o vigario não se riu mais dos adjectivos de Teixeira, que usou e abusou delles a seu bel prazer, convencido de que o pãdre não o molestaria mais com o seu sorriso zombeteiro.

Não deixou, no entretanto, de chegar aos seus ouvidos — as más linguas nunca faltam! — que o vigario, com o seu eterno sorriso malicioso, carregando no adjectivo, dizia a todos, que o ouviam boquiabertos, que elle, Teixeira, era, na verdade, — um «ingente» homem...

NICOLAU PERO



## CHRISTO

Luiz era filho de paes anonymos, filho da multidão, filho de ninguem!

Marieta, sua mãe, concebera-o por descuido, uma noite de aventura e galanteria, quando tinha approximadamente uns 20 annos.

Na idade em que todas as mocinhas flirtam e namoram innocentemente, ella, sosinha na vida, já tinha uma noção acabada da ferocidade dos homens, com todo o complemento das suas animalidades, manifestadas sob todos os vicios: e conhecia tambem o cynismo dos proxinetas e das inculcadeiras das casas de tolerancia.

Luiz entrou na vida a golpes de "forceps", graças á pericia de um gynecologista.

\*\*\*

Impossibilitada por diversos motivos, de seguir essa mesma vida que seguiu Maria Magdalena, antes de conhecer o Rabi, concentrou toda a sua attenção sobre o seu filho e procurou trabalho. Desnorteada na rotunda da vida e asediada por todas as difficuldades, ia á busca de occupaões, mas o seu aspecto de ex-rameira pouco a recommendava, embora ella appellasse por todos os disfarces possiveis. Atravez da sua modestia, analysando-a bem, gritava sempre a mulher que desdenhára a boa conducta: faltava-lhe o habito da honestidade.

Mas, á custa de bater em todas as portas, que se lhe fechavam, como a querer condemnal-a á

fome, abriu-se-lhe um dia a duma fabrica de tecidos, onde havia trabalhado quando menina.

Alugou um pequeno quarto no Belemzinho e durante o dia, o seu filho ficava em casa, entregue aos cuidados de uma velha napolitana, doente e hemiplegica, que fôra penteadeira, quando forte e menos usada pelo tempo e manuseada pelos homens, de Marieta e outras rascões, desabaladas que escondiam o nome de familia sob o manto de Zazás, Fifis e Frufús!

Luiz crescia á solta, por entre uma alluvião de outros guryrs peraltas e safadinhos. Era agil, arguto, vivo, como são todas essas crianças que vivem em liberdade, entregues aos seus proprios instinctos, nos meios populosos em que a ladinice e a malicia se respiram no ar...

Ausente do carinho materno, desabrochava robusto como um broto germinado no flanco de uma arvore plethorica de seiva. Confirmava-se nelle a sentença popular: filho de ninguem traz os germens de todas as qualidades!

Bem perto de onde morava, havia uma bella casa, de aspecto feliz, residencia de uma familia abastada, possuidora de muitos filhos.

Todos os dias, ali pelas 6 horas da tarde, o pae entrava, e ao chegar ao portão do jardim, era recebido pelos filhos que lhe saltavam ao redor, alegres e satisfeitos, chamando-o ternamente de papae: e Luiz assistia a este spectaculo de ternura e não sabia explicar porque é que todos os meninos tinham pae e elle não tinha! Começava a surgir no fundo de sua infantilidade, o primeiro vislumbre da razão. E ficava triste, com vontade de chorar...

A mãe, sempre mourejando na fabrica, parecia ter tomado a vida a sério, e trabalhava sem treguas, como se quizesse refazer e limpar, com um presente de sacrificios e extenuaões, todo um passado de ignominias e ociosidades. Assim que pilhava um tempinho fóra da fabrica, costurava vestidinhos do seu filho e dos filhos de outras mulheres suas visinhas e companheiras de serviço.

Approximavam-se as festas do Natal, e ella toda entregue á confecção de umas calcinhas para o seu pequeno, feitas dum vestido seu, que conservava no fundo da mala, de optima casemira, vestigios ainda da sua loucura.

Costurava e quando a roupa que cosia lhe evocava o passado, se levantava lentamente e ia beijar a cabeça de seu filho adormecido. Uma noite, faltando poucos dias para o Natal, o pequeno acordou sobresaltado e chorando, chama pela mãe e depois pelo pae instinctivamente. A mãe afflicta não sabia como consolar o filho. E acariciava-o ternamente: — papae? sim, elle vem... Dorme, meu filho, elle está viajando. Na noite de Natal virá com sapatinho branco cheio de doces. Dorme, meu coração! Dorme!...

Luiz adormece novamente. Ella, para espairecer um pouco, abre a janella que dava para um quintalorio cheio de latas e roupas estendidas no coradouro. Olhava para todos os lados; tudo em silencio.

Levantou a cabeça para o ceu e com os olhos humedecidos contemplava a lua solitaria que espalhava um brilho monotonico e suave, como se fosse o olho de "alguem" que estivesse espiando lá do alto esta dolorosa scena...

\* \* \*

No dia seguinte, o menino, quando brincava com os outros, ouvia de espaço a espaço contar que na noite de Natal nascia o Menino-Deus, e que por isso iam com papae e mamãe á missa do gallo ver o presepe.

Luiz, filho espurio, era a personificação desse phenomeno inexplicavel que põe os physiologistas que nutrem velleidades de nobreza e desmentem que ha no fundo genesico da plebe qualidades geniaes, em constante alarme.

Producto dessa força que plasma, no seio do anonymato, os typos excepcionaes e de eleição, o pequeno tinha todos os sentidos, para comprehender a vida, mais abertos e evoluidos que os outros de sua idade.

Além de não ter pae, arrastava a fatalidade da precocidade! E a idéa de ver o seu pae crescia em seu cerebro tenro com toda a força de sua innocencia, aggravada tenazmente, pela potencia maldita de ser um menino precoce!

\* \* \*

25 de dezembro. Ceu loucamente estrellado. Meia noite... Natal! Os sinos batem nas torres de todas as igrejas. Belemzinho em peso se movimenta para ir assistir á missa do gallo. Ha ruidos de malas que se abrem para tirar frescas camisas o vestidos engommados de mulher. Balburdia em todas as esquinas, onde magotes de

espadaídos rapagões, filhos de italianos quasi todos, estacionam para ver passar as Rosinhas, as Conchetas e as Pimpinellas que vão á igreja. Flirt não ha! A plebe não perde tempo com cousas innocentes e inuteis.

Grupos dispersos namoram muito agarradinhos, nessa distancia fatal em que os labios dizem palavras que são projectis atirados ao coração.

O babaréo cresce na proporção directa em que as ruas vão enchendo de povo. Luiz, que a essa hora dormia, accorda, e como a sua mãe lhe havia promettido que o seu pae viria na noite de Natal, interroga-a: — Mamãe, não estamos na noite de Natal?

— Sim, meu filho, daqui a pouco nasce o Menino-Jesus!

— E papae, porque é que não veiu?

— Papae ainda não chegou da viagem. Socega, qualquer dia elle apparece.

— E' muito longe lá onde foi papae?

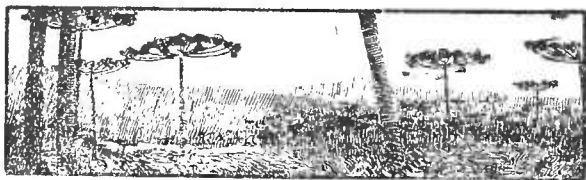
Enquanto Luiz pasava por um curto silencio a mãe procurou um pequeno retrato que tinha guardado, encaixilhado numa moldura ordinaria, esfrolada e pintalgada de manchas cinzentas. E levando-o aos labios da criança, diz fervorosamente: — beija-o, meu filho, é o retrato de seu pae!

Luiz afaga-o ternamente contra o peito e apoia a cabeça contra o travesseiro, balbuciando: — papae... papae... papae... e adormece religiosamente com o retrato de Christo sobre o peito.

A mãe soluça de joelhos aos pés da cama, murmurando: — Christo! pae de todas as crianças que não têm pae... sê na noite de Natal o pae de meu filho...

SYLVIO FLOREAL





## TRAPOS DA VIDA

(CONTO PHANTASTICO)

Era alta e esgrouviada como um canhão que, desageitado e reincidente, luctasse contra o vendaval do brejo, mantendo a sua linha. Tinha nos olhos duas fogueiras, duas lantejoulas rebrihantes, que eram o unico adorno do corpo de miseria. No craneo, uma confusão immunda de cabellos brancos; sobre o ventre, sobre o dorso, umas falripas de trapos; nos pés, a carne nua.

A casa em que se acoitara, á maneira de bruxa que repelle pelo aspecto e pela attitude ascosa das maneiras, firmava no seu contorno exotico uma ruina de paredes, sustendo, numa heroicidade, o tecto que era a vida, os poucos madeirames que eram o balsamo da sombra contra a comburencia escaldante de um sol a pino.

Pleno Ceará. Modorra e mormação. Deserto tudo, na apparencia visivel de uma calamidade. Os ultimos habitantes da villa desertaram ha horas. Ninguem, nem um sussurro mais de voz humana. Fora-se com a ultima madrugada o ultimo gemido de faminto. Mornidão apathica engulindo actividades na ancía de crestar e de sorver.

E, naquella abrigo, exposta á surpresa e á tortura de uma solidão avara, deixaram-na, por velha e gasta, com trez creanças que a mãe, na loucura da retirada, esquecera ou abandonara.

Sahiu, um momento, á soleira, tropega, sedenta, estirando o olhar ao léo, na ancía de implorar a gotta d'agua que continuasse a vida.

Dentro do casebre, os trez pequenos infelizes, no desespero que precede aos supremos estertores, unisonos num berreiro, choravam em convulsão.

Fóra, o sol se divertia. Arvores espaçavam, despidos, os galhos nus, os troncos hirtos. De quando em quando um grito de abutre seguia o espiralar de um vulto no espaço amplo. E a carniça humana alava-se em parcelas pelos bicos recurvos dos rapaces. No solo, como reticencias de ironia sobre a vida exuberante da terra que rachava de calor, desdobravam-se nas posições derreadeiras da tortura que os aniquilára — espectros da morte — esqueletos e esqueletos. Aqui, craneos recortados ainda das pellancas da carne espi-

caçada; acolá, em attitudes macabras, recurvos e entrelaçados, verticalmente afundados pela areia movediça, uma infinidade de ossos que foram braços resolutos, carcassas expostas á braza do sol, estruturas que tiveram vida na engrenagem gasta dos tendões apodrecidos.

A velha, na angustia de uma solidude que a collocava, unica, com trez creanças, dentro de uma natureza ingrata, agonizava no soffrimento atroz da indecisão. Não concebia o que fazer. A sêde corroia-lhe a garganta e para enganar a fome chupava a immundicie dos cabellos que o desalinho atufava em sua bocca. Faniinta, mais que os infelizes entes que eram o contrapeso da sua dôr, sahii á cata de um naco, um feliz encontro que lhe suavisasse a angustia. Vagou, vagou, triturando ao acaso, nos cacos da dentadura, pedrouços de terra que apanhava de quando em quando. A fome dava-lhe uma ancía de mastigar, que não continha. E batia os maxillares, lugubrememente.

O sol fazia já o termino da sua curvatura pelo espaço azul-roxo de um fim de tarde, quando chegou ao casebre. Nada encontrára. Á visão continuada das ossadas do caminho, tinha a impressão de sentir a morte agora, a bater a surdina da sua plaugencia funebre no seu peito. Tropeçava. A custo arrastou-se até os pequenos. Ouviá-lhes o choro abafado.

Quando entrou, de sob a caricia do tecto de sombra, e, acorada como uma hyena, procurou tactear, suas mãos descarnadas encontraram um corpo morto. Um delles estava frio e hirto. Os outros dois na ancía de continuar o choro, estertoravam.

A conjuncção da desgraça não lhe arrancou um soluço. Quiz clamar, quiz enlouquecer em gargalhadas, mas, como um maior castigo, a razão lhe ficava lucida, clara, para a percepção integral do soffrimento.

A noite chegára. Um somno passageiro envolveu as cousas todas e os quatro corpos.

Na manhã seguinte, ao despontar de novo a flammivoma fulgencia do sol de braza, sob a alegria horrivel da luz, havia mais um corpo frio. Era a fome que trabalhava em gradações. Pouco a pouco, a morte estendia mais, abarcava mais o seu dominio.

Semi-louca, como quem decide uma resolução que não retrograda, quiz fugir, furtar-se aquelle horror, mas faltaram-lhe as forças. Ha cinco dias que comera o ultimo resto na visinhança e ha uma dezena que os habitantes se alimentavam

dos cães e gatos do povoado. E, agora, nem mesmo um gesto de vigor, que lhe ajudasse a vencer a lethargia do seu corpo moribundo. De-finhava.

Ao seu lado, o ultimo vivente ganha um fio de soluço. Morria tambem. E qualquer cousa gritava-lhe n'alma que o não deixasse morrer. Não era possivel, não devêra desaparecer na garra da fome, como ou outros. Urgia uma victoria ao menos, sobre a morte assoladora. Um pedaço de carne, qualquer cousa solida que lhe illudisse o estomago minusculo.

De repente, resolveu. Os dois outros corpinhos eram carne morta, de vez. Era horrivel, era, mas devia aproveitá-los. Atirou-se, decepoulhes com os dentes nacos brancos que a condição cadaverica enrijára, e, triturando-os quanto podia, deu-os a mastigar ao pequenino. Era a morte dando vida á vida!

E a creança resistia ainda, saciando-se, innocente antropóphago, desse modo incrível.

A infeliz provocadora dessas scenas extinguiu com o seu proprio appetite os ultimos restos.

Foram-se mais dois dias, e, no terceiro, aquella iguaria lhes faltou tambem. Medrosa, então, de se finir ali antes de uma salvação possivel, a ancia acertou solucionar a desgraça. Ergueu o corpo magro, tomou o pequeno, pô-o entre o élo

osseo dos horriveis braços despido onde a pelle se engelhava, e fugiu. Fugiu dali sem destino, andando quanto podia, quanto lhe dava ainda a vida, desafiando o folego que lhe faltava a espaços. Então parava. E assim, mais um dia se passou nessa jornada.

Como a creança se habituára a comer, chorando por novos bocados, viu-se, na coragem estonteante do desespero, constringida a usar, na falta de outra, a sua propria carne. E deu dentadas em si mesmo.

Pouco a pouco, porém, seu corpo seria uma chaga enorme. Não haveria, dali por deante, espaço em branco onde não se apresentassem em todo o seu horror, as manchas sangrentas das feridas abertas. E aquella carne, aquellos farrapos seccos de pelle, iriam faltar tambem.

De repente, não poude mais. O sangue que perdia arrastava-lhe o ultimo alento. Tombou desfallecida. A creança rolou-lhe ventre acima.

Nesse momento, cahia suavemente a noite morna.

E quando o novo sol iniciou a sua faina de causticar e comburir, a creança inda vivia, debruçada sobre os bracinhos recurvos, mamando sangue dos peitos pellancudos da velha morta.

MANOEL VICTOR

Acaba de apparecer a 4.<sup>a</sup> edição do

# O PROFESSOR JEREMIAS

POR LÉO VAZ

PREÇO: 4\$000

PEDIDOS AOS EDITORES:

**MONTEIRO LOBATO & C.**

RUA BOA VISTA N. 52  
Caixa, 2-B — S. PAULO

# A NOVELLA NACIONAL

Volumes publicados:

A NOVELLA NACIONAL é uma série de pequenos livros, nos quaes se mira ao seguinte escopo: offerecer a melhor leitura, sob a apresentação mais artistica, ao preço mais barato possível. Os objectivos desta publicação, de que é director o sr. Amadeu Amaral (da Academia Brasileira) podem assim, condensar-se no lemma — LIVRO BOM E BONITO AO ALCANCE DE TODOS.

Apparece approximadamente um volume por mez, com cerca de 80 paginas, no formato  $16 \frac{1}{2} \times 12 \frac{1}{2}$  centimetros, impresso em magnifico papel e illustrado com numerosas e artisticas gravuras, contendo uma obra completa de auctor conhecido.

**A Pulseira de Ferro** por AMADEU AMARAL, o successor de Olavo Bilac, na Academia Brasileira. "É no genero uma verdadeira obra prima," — disse desta novella o grande poeta Alberto de Oliveira.

**Os Negros** por MONTEIRO LOBATO, o celebre creador de Jéca Tatú. Estão no prélo mais dois volumes:

**Ritinha** por LEO VAZ, o festejado auctor do "Professor Jeremias", romance que obteve o maior successo literario da actualidade, alcançando tres edições em poucos mezes.

**Mula sem cabeça** por GUSTAVO BARROSO, o famoso escriptor cearense, autor da TERRA DO SOL, HEROES E BÂNDIDOS e outras joias literarias já sobejamente conhecidas e apreciadas.



A seguir novellas de:

Coelho Netto,  
Afranio Peixoto,  
Waldomiro Silveira  
Cornelio Pires e outros.

Cada volume. 1\$000 em todas as livrarias. Pelo correio, registrado 1\$300.

Assignaturas com direito a receber todos os volumes registrados:

Série de tres novellas 3\$500; série de seis novellas 7\$000; série de doze novellas 14\$000.

Pedidos á

Sociedade Editora  
Olegario Ribeiro  
Rua Dr. Abranches N. 43  
Caixa, 1172 - SAO PAULO

OS NEGROS

2





## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).